



KAM-14 — 156 x 155 cm — 1984

O DIA DA CRIAÇÃO (DA PINTURA)

Roberto Pontual

Houve um dia em que as coisas ainda não eram. E porque não estavam sendo ainda, nesse dia que mal conseguimos imaginar como teria sido, não havia também os nomes que as fazem duplamente ser — ser corpo e ser alma, ser matéria e ser fala. O dia anterior, véspera de tudo, oco de história. Um dia em que o infinito, se armando da união do vazio com o informe, podia mais do que nunca ser a única verdade. Então, para que o finito viesse finalmente nos dar forma, limite e fundação, as coisas se deixaram aos poucos separar de seu imenso nada prévio: luz da treva, estrelas do céu, dia da noite, terras dos mares, ervas da terra, células da célula, homens de dentro do animal. A energia encontrara a sua roda, os nomes começaram a ser a nossa insuperável clareza e o nosso inarredável mistério: eu a isso chamo assim; e, logo, isto existe. O dia em que dizer é inventar. O dia da criação.

Todo olhar/pensar/tocar a pintura atual de Cláudio Fonseca leva vertiginosamente àquele dia distante, aqui transformado em agora. Ela é, antes de mais nada, a pura energia transferindo-se de sua orgulhosa força virgem para a maravilhada humildade das formas elementares. A energia que cede uma parte de sua perpétua volúpia indomada e aceita fixar-se nesse instante de pausa, passagem e transfiguração que é o quadro. (Note-se como tudo em Cláudio se constrói em diagonal: ação, percurso, recusa de inércia, resíduo do instantâneo fluindo sobre a tela.) E se a energia se deixa apreender em alguns metros de tecido, entre o peso das tintas, pela imposição do pincel, é porque ela quer ascender a um estado novo de sua avalanche: o de recriar, no microcosmo da pintura, o dia da macroscópica criação do mundo. Nos dar a pressentir como se teria aberto a fissura entre o nada existir e o tudo ser.

Trata-se, portanto, de uma ascensão. Decidida, difícil, dilacerada ascensão. Subida do mundo do possível para o mundo do concreto. Essas montanhas que habitam, ao mesmo tempo tão nebulosas e tão potentes, a teia de massas e traços das telas de Cláudio, ali estão como fêmeas. Himalaias: o pico, o pique, o ponto mais alto a atingir entre o solo que pisamos e o sol que almejamos. Exatamente como se quer que a tela, povoada de pintura, seja o lugar extremo e esplêndido da fala do homem. Seja o momento entre o ter criado e o precisar nomear o criado. Pela encosta da tela — assim como eu, aqui, pela encosta do papel — se vai subindo sempre, o céu como alvo, o sol como casa, porque além há muito mais: o

branco inteiro de uma outra tela de novo infinita, sem chassis e sem moldura, somente pressentida. Pico dos picos na Terra, o Himalaia, na tela, está como o pico formidável do homem: criar.

E os modos e as imagens se condensam como os instrumentos dessa imantada subida. Contra a montanha da tela, o pincel trabalha tão seguro quanto a picareta. As cordas se retesam ou se entrelaçam, para que da tinta/lava certas configurações comecem a surgir do esfriamento da matéria ardente. A cor ainda explode, solar, fluante água em chamas, sangue prestes a ser carne. Tudo está em magma. Mas nele alguma coisa se anuncia, espantosa como um primeiro canto: duro feito pedra, generoso como planta, o Nome vai subindo à superfície. E, assim, já mais do que só lava, há mares, há ilhas, há fendas, há prados, há caminhos galgando, tortuosos, os himalaia assinalados (e assinados) por Cláudio Fonseca. Fogo, água, terra e ar nos chamam para escalá-los, como alpinistas cúmplices do alpinista pintor. Ou como o Sísifo que teremos todos sempre de ser, revisitando a cada dia o dia da criação. Lá do alto desse pico alcançado, caíram as pedras que são agora os quadros dados ao espanto e ao encanto dos meus olhos.

CURRICULO

1949/Nasce no Rio de Janeiro. 1974/Salão de Verão (Rio de Janeiro). 1975-1979/Faculdade de Arquitetura. 1980/III Salão Nacional de Artes Plásticas (Rio de Janeiro). XI Salão Nacional de Arte (Belo Horizonte). XXXVII Salão Paranaense (Curitiba). 1981/Individual na Galeria Macunaíma-FUNARTE (Rio de Janeiro). IV Salão Nacional de Artes Plásticas (Rio de Janeiro). XII Salão Nacional de Arte (Belo Horizonte). XXXVIII Salão Paranaense (Curitiba). 1982/Individual na GB Arte (Rio de Janeiro). Universo do Futebol — Arte Postal (Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro). 1983/XIV Salão Nacional de Arte (Belo Horizonte). Pintando a Festa (Escola de Artes Visuais, Rio de Janeiro). Brasília (Sede da Editora Avenir, Rio de Janeiro). Arte Postal — Faculdade de Comunicação do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Arte Postal — O Pão do Espírito de Bené Fonteles (Cuiabá). Arte Postal — O Ovo de Alex Vallauri (São Paulo). Arte Postal — Pormenores Acerca da Origem de Claudio Fonseca (Rio de Janeiro). International Mail Art-Project by Michael Groschopp (Alemanha). 1984/Grande Formato (Galeria de Arte Ipanema, Rio de Janeiro). Feira Internacional de Arte de Madri — Galeria Thomas Kohn (Madri), Individual na Galeria do Centro Empresarial Rio (Rio de Janeiro).